

ANEXOS

ANEXOS I

Guião da entrevista à Educadora

Fases	Objectivos	Questões
Início da entrevista	<ul style="list-style-type: none">• Explicitar os fundamentos e objectivos da entrevista• Garantir a confidencialidade	
Perfil da entrevistada	<ul style="list-style-type: none">• Conhecer formação• Conhecer o Trajecto profissional• Conhecer o nível de conhecimento no âmbito deste tema	Caracterizar o perfil profissional da entrevistada, relativamente a: a) Formação b) Tempo de serviço c) Funções profissionais d) Locais de trabalho e) Conhecimento da realidade em estudo e seu fundamento
Perfil da criança com NEE	Conhecer (caracterização) a criança com NEE	De acordo com os conhecimentos da educadora, caracterizar a criança com NEE
Desenvolvimento da entrevista	Conhecer o nível de conhecimento no âmbito deste tema	a) Conceitos: Inclusão, interculturalismo, multiculturalismo b) Conceito de inclusão assumido pela comunidade escolar c) Atitude da liderança face à educação inclusiva d) Relação e formas de envolvimento com a

		<p>comunidade e serviços exteriores</p> <p>e) Projecto Educativo na escola/Projecto curricular de escola</p> <p>f) Projecto Curricular de Turma</p>
	<p>Conhecer o trabalho desenvolvido na sala de aulas no âmbito da inclusão e da educação intercultural</p>	<p>a) Caracterização da turma</p> <p>b) Processo de inclusão dos alunos com NEE na sala</p> <p>c) Trabalho desenvolvido no âmbito da inclusão e da interculturalidade</p> <p>d) De que forma o ambiente educativo/ e as actividades desenvolvidas contribuem para a inclusão e o desenvolvimento do processo de interculturalismo</p>
	<p>Recolher informação sobre as estratégias e metodologias gerais na gestão da sala de aula</p>	<p>a) Práticas inclusivas</p> <p>b) Gestão do grupo/turma</p> <p>c) Técnicas de elaboração e de desenvolvimento de adaptações curriculares</p> <p>d) Formas de interacção com outros profissionais</p>
	<p>Recolher informação sobre tipo de metodologias específicas</p>	<p>a) Estratégias inclusivas</p> <p>b) Gestão da turma</p> <p>c) Individualização curricular</p> <p>d) Trabalho em parceria</p>
<p>Conclusão</p>	<p>Agradecer a participação da educadora;</p>	

ANEXOS II

Guião da entrevista às Terapeutas:

Fases	Objectivos	Questões
Início da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Explicitar os fundamentos e objectivos da entrevista • Garantir a confidencialidade 	
Perfil da entrevistada	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer formação • Conhecer o Trajecto profissional • Conhecer o nível de conhecimento no âmbito deste tema 	Caracterizar o perfil profissional da entrevistada, relativamente a: <ol style="list-style-type: none"> a) Formação b) Tempo de serviço c) Funções profissionais d) Locais de trabalho e) Conhecimento da realidade em estudo e seu fundamento
Perfil da criança com NEE	Conhecer (caracterização) a criança com NEE	De acordo com os conhecimentos das terapeutas, caracterizar a criança com NEE
Desenvolvimento da entrevista	Conhecer o nível de conhecimento no âmbito deste tema	<ol style="list-style-type: none"> a) Conceitos: Inclusão, interculturalismo, multiculturalismo b) Atitude da liderança face à educação inclusiva e à interculturalidade c) Relação e formas de envolvimento na inclusão da criança com NEE
	Recolher informação sobre	a) Práticas inclusivas

	as estratégias e metodologias gerais na gestão das suas participações na sala de aula	<ul style="list-style-type: none"> b) Gestão do grupo/turma c) Técnicas de elaboração e de desenvolvimento de adaptações curriculares d) Formas de interacção com outros profissionais
	Recolher informação sobre tipo de metodologias específicas	<ul style="list-style-type: none"> a) Estratégias inclusivas b) Individualização curricular c) Trabalho em parceria
Conclusão	Agradecer a participação;	

ANEXOS III

Entrevista à Terapeuta da fala

7 de Abril de 2010

Caracterizar o perfil profissional da entrevistada, relativamente a:

- a) Formação: Terapêutica da fala [T.F.]. Licenciada na Escola Superior de Tecnologias da Saúde do Porto, várias formações na área da T. F.
- b) Tempo de serviço: 2 anos e meio aproximadamente. Trabalho há quatro anos, tendo realizado diferentes tipos de trabalho, em áreas diversas, com adultos e crianças: apoio domiciliário, clínicas e gabinetes.
- c) Locais de trabalho: Porto – vários jardins de infância da cidade do Porto

Entrevistadora: Poderá, por favor, explicitar um pouco do seu trabalho, assim como qual o conhecimento que tem desta realidade em estudo?

Terapeuta da Fala [TF]: Sou Terapeuta da Fala [TF], como tal sou responsável por realizar a avaliação e intervenção nas áreas da comunicação, fala, linguagem, voz, alimentação e deglutição e funções associadas. A cognição, sendo uma área inevitavelmente associada à linguagem é também trabalhada sempre que apropriada, embora esta área seja pouco abordada por mim enquanto pertencente a uma equipa de intervenção que inclui uma educadora de infância em intervenção directa. O trabalho em equipa permite que possa insistir mais na intervenção mais específica nas áreas de comunicação, linguagem e outras áreas que são apenas trabalhadas pela TF. Além disso, são passadas estratégias entre as técnicas da equipa para promover um óptimo desenvolvimento da criança. No caso da TF é necessário trabalhar por vezes a atenção/concentração e por vezes existem estratégias específicas da

área da terapêutica ocupacional, por exemplo, podem ser muito úteis nesse sentido e facilitar o trabalho posterior da terapia da fala.

Entrevistadora: Por favor, defina os seguintes Conceitos: inclusão, interculturalismo, multiculturalismo.

TF: A inclusão das crianças é a principal razão de ser deste trabalho que se desenvolve na equipa de intervenção precoce de apoio directo nos contextos naturais da criança. Só a presença nestes espaços permite que o trabalho se centre em tornar a criança no funcionamento dos espaços que frequenta, sendo autónoma, estando integrada e feliz. É necessário, não raramente, adaptar o meio e tornar os adultos e pares com que a criança convive competentes para comunicar com a criança. A intervenção com as crianças com NEE [Necessidades Educativas Especiais] é muito mais do que desenvolver as suas competências mas passa também por trabalhar com os locais e pessoas. Daí a importância do trabalho em parceria com as educadoras e também com outros funcionários do jardim, já que este é um local onde a criança passa grande parte do dia e são instruídas várias rotinas. Relativamente aos conceitos de interculturalismo e multiculturalismo, no meu trabalho com o L., estes não estão directamente relacionados, ao contrário do que acontece com outros meninos, como por exemplo quando trabalho com crianças de etnia cigana, devo ter um conhecimento prévio da sua cultura e embora em algumas terapêuticas use como instrumentos de trabalho o espelho, com estas crianças tal não é permitido usar devido a regras culturais, ou em alguns locais não posso tratar a criança por “tu”, mas sim por “você”, devido a regras culturais.

Entrevistadora: Clarifique-nos, por favor, relativamente ao conceito de inclusão assumido pela comunidade escolar.

TF: Não poderei responder a essa questão, porque não me encontro diariamente na instituição.

Entrevistadora: Relativamente há atitude da liderança face à educação inclusiva assumida pela colega e pela instituição, o que nos poderá dizer?

TF: Novamente não poderei responder;

Entrevistadora: Poderá explicitar relativamente à relação e às formas de envolvimento com a comunidade e serviços exteriores na promoção da inclusão escolar e a interculturalidade?

TF: Uma vez que não me encontro inserida diariamente na instituição não será de todo possível responder à questão.

Entrevistadora: No âmbito das suas práticas educativas, quais as que considera como práticas inclusivas e de que forma estas estão presentes na individualização curricular e no trabalho em parceria com a educadora?

TF: Cada criança é diferente não só em termos de desenvolvimento mas também a personalidade, o meio sociocultural onde estão inseridos e os seus interesses e motivações as tornam únicas daí que cada programa traçado é diferente não só nos objectivos como nas estratégias, mesmo que a idade e a patologia da criança sejam as mesmas. O programa é traçado com o conhecimento da educadora e ao longo do tempo são lhe passadas algumas estratégias para ajudar a criança ao longo do dia e da sua rotina a interagir com os outros.

Entrevistadora: Poderá por favor, caracterizar-nos o L, e explicar-nos de que forma as suas práticas educacionais, enquanto terapêutica da fala, poderá contribuir para a inclusão do L?

TF: “O L. está diagnosticado no âmbito das NEE como tendo uma perturbação dentro do espectro do autismo. Ao longo deste tempo, o L. têm evoluído de forma gradual e positiva, embora com algumas flutuações, influenciadas por questões externas (ao nível familiar, nomeadamente devido à profissão dos pais e o nascimento da irmã). Ao nível das práticas, no início do ano, em conjunto com a terapeuta ocupacional, com a educadora da sala, a família, a psicologia e a assistente social, realizamos o PEI [plano educativo individual] onde delineamos os objectivos e competências a trabalhar/alcançar por parte do L. As estratégias utilizadas, são transmitidas à educadora, para que permitam o desenvolvimento destas competências de forma positiva e gradual.”

ANEXOS IV

Entrevista à Terapeuta Ocupacional

28 de Maio de 2010

1. Caracterizar o perfil profissional da entrevistada, relativamente a:
 - a) Formação: Terapêutica ocupacional; Barcharelato em Setembro de 1997, licenciatura em Dezembro de 2004 – pela E.S.T. da Saúde do Porto; - hipoterapia - pela APPC-NRM(98), APPC-NRC(02), Associação Portuguesa de hipoterapia e Ande Brasil (04)
 - b) Tempo de serviço: Terapeuta ocupacional [REDACTED] desde Setembro de 1997 passando pelas valências de CAO, Socioeducativo e intervenção precoce
 - c) Conhecimento da realidade em estudo e seu fundamento: A [REDACTED] Porto é uma instituição bem inserida na comunidade, organizando durante o ano lectivo várias actividades dirigidas ao exterior, bem como participando em diversas, organizadas por outras entidades que não direccionadas ao apoio à deficiência. Relativamente, a esta instituição não posso falar da realidade desta, porque passo poucas horas na instituição

Entrevistadora: Por favor, defina os seguintes conceitos: inclusão, interculturalismo, e de que forma considera que a comunidade escolar assume uma atitude de lideranças face aos mesmos, promovendo e formas de envolvimento na inclusão da criança com Necessidades Educativas Especiais?

Terapeuta Ocupacional [TO]: Na minha opinião a educação inclusiva e a interculturalidade são aspectos fundamentais na formação das crianças, alicerçando responsabilidades cívicas, humanas e morais. No entanto, parece-me que a comunidade escolar ainda não detém os meios necessários para uma prática baseada nestes conceitos. Principalmente no que concerne à inclusão de crianças com NEE, os recursos físicos, mas sobretudo humanos

(técnicos com conhecimento específico) parecem-me muito aquém do necessário.

Entrevistadora: Na sua prática educativa o que considera como práticas e estratégias inclusivas, e de que forma procura desenvolver um trabalho em parceria com a educadora?

TO: Os objectivos de intervenção são delineados por cada técnico, mas discutidos numa equipa multidisciplinar. O PEI [plano educativo individual] é apresentado e discutido com pais e educadora da criança e está sempre sujeito a alterações se todos acharem pertinentes. A educadora, com o conhecimento do PEI, pode e deve dar continuidade a estes objectivos no dia-a-dia. A intervenção é maioritariamente feita em contexto de jardim para que haja troca de informações e partilhas de estratégias. Ao longo do ano são feitas reuniões para discussão das evoluções. As sessões são dadas em contexto individual mas também de grupo, para trabalhar a inserção neste, bem como participar em actividades mais alargadas ao exterior (sempre que possível) como por exemplo passeios, visitas, etc.

Entrevistadora: Quais as técnicas de elaboração e de desenvolvimento de adaptações curriculares?

TO: Os programas de intervenção são elaborados por cada um dos técnicos, adaptando estratégias à criança em questão. Estas estratégias são passas por cada um destes técnicos, a todos que intervêm com a criança.

Entrevistadora Poderia explicar-nos de que formas se realizam a interacção com outros profissionais?

TO: É fomentada uma articulação de serviços da equipa de intervenção precoce/ jardim-de-infância/ comunidade médica (centro de saúde, hospital, etc), através de reuniões, contactos telefónicos, contacto directo no dia-a-dia (durante a intervenção dos técnicos).

Entrevistadora: Relativamente às suas práticas enquanto terapêutica ocupacional, de que forma o seu trabalho poderá contribuir para a inclusão do L.?

TO: O L. está diagnosticado como tendo uma perturbação dentro do espectro do autismo. Nestas situações é sempre reservado o prognóstico, porque depende da evolução da criança.

O L. tem feito uma evolução gradual e positiva, embora com flutuações em termos de desempenho efectivo.

Este parece-nos influenciado por questões externas (estabilidade das suas rotinas, estabilidade familiar...) que por vezes impedem a sua capacidade em se focar nas tarefas.

O trabalho desenvolvido está explicitado no PEI, sendo que as estratégias se alicerçam nas teorias da integração sensorial. Segundo esta teoria, para que a criança seja capaz de ser funcional em todos os contextos em que se insere, é necessário que percepcione correctamente toda a informação que deles recebe para que depois seja capaz de dar uma resposta adaptativa.

No caso do L. e das crianças com esta perturbação a percepção e gestão desta informação está frequentemente alterada, sendo que muitas vezes os seus comportamentos (estereotípias, por exemplo) são uma tentativa de se organizarem.

Assim sendo, são necessárias estratégias de facilitação e inibição para manter a criança organizada, solicitando-lhe tarefas de maior complexidade.

Estas estratégias iram permitir, e por isso são transmitidas a outros técnicos e educadora, que o L. nas interacções sociais que vai tendo na sala, desenvolva cada vez mais “novas competências”.

ANEXOS V

Entrevista à Educadora

1 de Abril de 2010

Caracterizar o perfil profissional da entrevistada, relativamente a:

Formação: Bacharelato em Educação de Infância na ESSE de Jean Piaget – Almada e Licenciatura em Administração escolar no ISCE (Instituto Superior de Ciências Educativas) - Odivelas

Tempo de serviço: 14 anos (desde 1995)

Funções profissionais: Educadora de Infância

Locais de trabalho:

1995: [redacted] Lisboa

1996-1999: [redacted]

Loures

1999-2010 [redacted] Porto

Conhecimento da realidade em estudo e seu fundamento:

Na instituição [redacted] trabalho desde Novembro de 1999, portanto há 10 anos com funções de educadora de infância nas valências de 3,4 e 5 anos sucessivamente. A minha opinião acerca desta realidade é que dado que a instituição está inserida num bairro social, isso reflecte-se no grupo a nível da relação que algumas crianças têm umas com as outras, uma vez que já se conhecem e relacionam fora da instituição mas também a nível de algumas carência a nível afectivo e no cumprimento e interiorização de regras e hábitos na área de formação pessoal e social.

Entrevistadora: Por favor, defina os seguintes Conceitos: inclusão, interculturalismo, multiculturalismo

Educadora: Inclusão, como a própria origem da palavra diz, é incluir, integrar, reformular estratégias e atitudes no sentido de adequar a nossa intervenção melhorando e favorecendo o desenvolvimento da criança “diferente”,

contornando barreiras e /ou adaptando os recursos disponíveis quer a nível físico, humano e técnico. Interculturalismo e multiculturalismo no âmbito da educação de infância são dois conceitos tão abstractos e ao mesmo tempo interligados como a própria espécie humana. Em primeiro lugar, é um aspecto específico da socialização directamente relacionado com valores e atitudes que se transmitem sempre em situações reais que se estabelecem nas interações que as pessoas estabelecem com os seus semelhantes no meio em que vivem. Por isso, o jardim-de-infância, onde quer que se pratique a educação de infância, é um lugar adequado para introduzir nas nossas crianças na riqueza trazida pela diversidade. É importante tentar criar um ambiente tolerante que nos conduzam a aceitar e a respeitar progressivamente as diferenças, tendo em conta, que a interculturalidade é também uma grande oportunidade para fomentarmos a concepção de que todos pertencemos a uma mesma espécie, para tomar consciência de que nós, seres humanos, não somos todos iguais e que a diversidade não nos impede de vivermos todos juntos em harmonia, desde que haja uma abertura mental e a sensibilidade necessária para intervir adequadamente nos conflitos que os seus grupos possam experimentar ao contactarem com culturas diferentes.

Entrevistadora: Quando falamos de Educação Intercultural temos de ter presente dois tipos de conceitos antagónicos: Homogeneidade e diversidade. Homogeneidade significa ser do mesmo tipo do outro, formado de partes que são do mesmo tipo. Diversidade significa o oposto, quer dizer variedade, ser composto de diferentes tipos ou formado de partes diferentes. Conseguir identificar estas características na sua sala de aula ou grupo de trabalho? O que poderia ser nomeado na sua sala de aula como diverso, e quais os elementos que são homogéneos?

Educadora: Na minha humilde opinião creio que todos os grupos são diversos – todas as crianças são diferentes! Contudo, creio que a nível dos aspectos da homogeneidade poderão ter a ver com a comunidade envolvente, religião, local de morada (mesmo bairro, praticamente) O grupo é diverso na dinâmica familiar, nas características de cada criança, já que no grupo a multiculturalidade está presente: há filhos de pais emigrantes, crianças de diferentes raças, crianças com NEE. O L. que tem autismo e o T. que estão a pesquisar qual será a problemática subjacente, mas que já usufrui de terapia

da fala, uma das áreas que se denotava grandes dificuldades, tanto a nível de compreensão como a nível de expressão.

Entrevistadora: Clarifique-nos, por favor, relativamente ao conceito de inclusão assumido pela comunidade escolar

Educadora: A comunidade escolar como entidade formadora tem o dever não só de assumir, como de, adaptar, promover e dialogar projectos, propostas e estratégias de acção adaptadas a cada caso e a cada realidade no sentido de melhorar o desempenho dos profissionais de educação, pois, deles depende uma maior qualidade na promoção do desenvolvimento e relação com estas crianças.

Entrevistadora: Relativamente à atitude da liderança face à educação inclusiva assumida pela colega e pela instituição, o que nos poderá dizer?

Educadora: A educação inclusiva implica acima de tudo atitudes multidisciplinares e um trabalho de equipa que envolvam técnicos de diferentes áreas com disponibilidade e empenho para definir estratégias, objectivos e adaptar os recursos existentes a cada caso.

Entrevistadora: Poderá explicitar relativamente à relação e às formas de envolvimento com a comunidade e serviços exteriores na promoção da inclusão escolar e a interculturalidade

Educadora: Divulgar e solicitar parcerias com várias entidades e serviços exteriores disponíveis na comunidade, por exemplo através de acções de sensibilização dadas por técnicos de forma a criar algum impacto que leve à participação e colaboração de várias entidades e seus colaboradores em projectos cujo objectivo fosse a promoção de inclusão escolar e a interculturalidade, facilitando uma melhor e adequada inserção na sociedade.

Entrevistadora: Relativamente ao Projecto Educativo/Projecto curricular de escola, de que forma os seus objectivos visam trabalhar no âmbito da interculturalidade e a inclusão

Educadora: O Projecto Educativo da instituição este ano lectivo – 2009/2010 - tem um tema “ eu sinto...” e está ligado aos sentimentos e emoções (dar a conhecer às crianças as reacções do nosso corpo e do nosso estado de espírito face às diferentes sensações). O tema deste projecto surgiu após uma formação bastante interessante cujos protagonistas são duas crianças imaginárias “o nino e a nina” que num livro relatam acontecimentos e vivências

que os levam a descobrir que têm diferentes reacções, consoante determinados acontecimentos, contextos e acompanhamentos que são relatados em histórias. Histórias essas que ao serem apresentadas às crianças, estas se vão identificar com experiências já vivenciadas por elas e por isso, despertá-las para a descoberta deste tema no âmbito da interculturalidade e da inclusão, na medida em que podemos encontrar sempre diferenças na forma como interpretamos, mas também exteriorizamos sentimentos e emoções e a capacidade e flexibilidade a que todos temos que aprender a adaptar-nos de acordo com os meios e os recursos disponíveis, respeitando os novos limites. Isto porque os seres humanos, não são todos iguais a expressar e a receber sentimentos mas esta diversidade de emoções não nos pode impedir de vivermos todos juntos em harmonia, porque também são diferentes as necessidades de cada um.

Entrevistadora: E relativamente ao Projecto Curricular de Turma quais os seus objectivos no trabalho desta temática?

Educadora: Os objectivos do projecto curricular de turma são definidos de acordo com as áreas de conteúdos das orientações curriculares e as aprendizagens esperadas, tendo em conta as características do grupo e do meio envolvente – comunidade – e dos hábitos das crianças. Esta caracterização deve assentar na análise de informações factuais de cada criança (nível sócio-económico, cultural, etário, frequência anterior, expectativas de pais e alunos em relação à experiência anterior, expectativas dos pais e alunos em relação à instituição, dificuldades e problemas percebidos, recursos próximos, etc). Quando o grupo já é conhecido, esta tarefa acaba por estar facilitada e requer apenas que a caracterização seja completada/actualizada, definindo os seguintes procedimentos: objectivos, actividades a promover, recursos humanos, recursos materiais e financeiros, calendarização das actividades, avaliação dos resultados obtidos. Na sequência dos vários momentos de avaliação, pode haver necessidade de fazer alterações e reformulações que devem ser acrescentadas, ou integradas no documento.

Entrevistadora: Pode, por favor, realizar uma breve caracterização da turma?

Educadora: Um grupo de 23 crianças (12 meninos e 11 meninas), com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos.

Entrevistadora: Relativamente, ao aluno com NEE pode realizar uma breve caracterização?

Educadora: É um menino do sexo masculino, frequenta a instituição desde a creche (sala dos 2 anos), apresenta autismo e neste momento está com cinco anos.

Entrevistadora: No que diz respeito ao processo de inclusão dos alunos com NEE na sala, de que forma é que este se processa?

Educadora: O processo de inclusão passa primeiro por dar conhecimento das áreas de desenvolvimento onde a criança apresenta maiores dificuldades e informar os recursos disponíveis onde técnicos e profissionais (médico de família, UADIP, APPACDM, psicólogos, terapeutas, etc) poderão intervir e dar orientações específicas para cada caso. Por outro lado, este processo passa por ter uma atitude disponível para colaborar na promoção e desenvolvimento e integração das crianças.

Entrevistadora: No que concerne ao trabalho desenvolvido no âmbito da inclusão e da interculturalidade, como se processa este trabalho na sua sala e/ou na instituição?

Educadora: O trabalho desenvolvido no âmbito da inclusão e da interculturalidade baseia-se essencialmente na adaptação de objectivos, estratégias e actividades de acordo com cada caso e sob orientação de técnicos especializados que se deslocam periodicamente à nossa instituição e da sensibilização de todo o pessoal aqui ao serviço independentemente da sua categoria profissional de cada um.

Entrevistadora: De que forma o ambiente educativo e as actividades desenvolvidas contribuem para a inclusão e o desenvolvimento do processo de interculturalismo?

Educadora: Tentamos criar um ambiente de entreajuda no sentido de promover o desenvolvimento e a integração da criança de acordo com as suas necessidades e a colaboração escola-família.

Entrevistadora: No âmbito das suas práticas educativas, quais o que considera como práticas inclusivas?

Educadora: Acompanhar individualmente a/as criança(s) com NEE, de forma a que participe em todas as actividades e tarefas de sala para que tanto ela

como as outras crianças do grupo não se sintam excluídas seja por que motivo for e incentivá-las a participar.

Entrevistadora: Será possível desenvolver um currículo adaptado às necessidades de cada aluno, isto é, na sua prática diária, faz um currículo para cada criança?

Educadora: Teoricamente, deveria ser assim, adaptar o currículo a cada criança, perante as suas necessidades e características já que todas as crianças/pessoas são diferentes e desenvolvem/aprendem de maneira diferente. Eu na minha prática diária tento apresentar as actividades utilizando estratégias que se adequem a cada criança, já que como educadora da sala conheço cada criança e a melhor maneira para estimular a criança como ser único. Mas adequar o currículo a cada criança e as suas características pessoais torna-se cada vez mais fácil através das ferramentas que se vão desenvolvendo para os educadores de infância, como os planos de desenvolvimento individual e os portfolios.

Entrevistadora: No âmbito da gestão do grupo/turma, quais as técnicas de elaboração e de desenvolvimento de adaptações curriculares que lhe permitem essas práticas inclusivas?

Educadora: De acordo com o nível de exigência de cada actividade e os objectivos inerentes, o grupo é dividido por grupos de trabalhos (3 ou 4 anos), mistos (meninos e meninas) e com diferentes graus de desenvolvimento e concentração. Para que as propostas tenham resultados mais equilibrados e enriquecedores, dando oportunidade sempre que possível a que todos possam participar ensinando as crianças a serem responsáveis, solidárias, generosas, tolerantes na base de se conhecerem a si mesmas aceitando as diferenças e dificuldades de cada uma para os levar a adquirirem a capacidade de interagirem e resolverem os seu próprios conflitos. Perante tal não podemos esquecer que a educadora e a auxiliar são as principais mediadoras e impulsionadoras para que as práticas resultem com sucesso e isso implica um trabalho de equipa de “bastidores” em que se defina uma metodologia de trabalho coerente e cúmplice favorecendo um ambiente securizante onde são estabelecidos limites, regras e normas aceites e do conhecimento de todos.

Entrevistadora: Realçou o facto de gestão do grupo que este *é dividido por grupos de trabalhos (3 ou 4 anos), mistos e com diferentes graus de desenvolvimento e concentração. Para que as propostas tenham resultados mais equilibrados e enriquecedores.* Considera uma vantagem haver na mesma sala rapazes e raparigas? Assim como uma variedade de idades (3 e 4 anos)? O facto de dividir, nas actividades, os alunos de acordo com um conjunto de características, será uma mais-valia que se reflecte na aprendizagem de todos? Tem tido um resultado positivo?

Educadora: Definitivamente que o facto de na sala haver meninos e meninas e a variedade de idades neste grupo torna-se uma mais-valia. Os meninos mais velhos ajudam os mais pequenos em tarefas, em aquisições e nas próprias brincadeiras nas áreas, assim como resolverem “problemas” e conflitos entre eles. O resultado da variedade de idade tem sido bastante positivo este tipo de trabalho com grupos homogéneos, a inter-ajuda, a interacção de diferentes crianças em diferentes “fases” da vida, porque há diferenças entre os três e os quatro anos, características e aquisições diferentes. Contudo, acho que o grupo se relaciona ou divide segundo as suas características, o grupo relaciona-se efectivamente e socialmente de forma aleatória e de acordo com os próprios interesses.

Entrevistadora: De que forma este trabalho contribui para a inclusão de uma criança autista?

Educadora: Visto que o grupo socialmente está numa fase muito egocêntrica em que ainda não desenvolveu o conceito de “amigos” e “melhores amigos”, uma criança com autismo integra-se bem. Apesar de achar que desenvolvendo o projecto “eu sinto” tem sido um ponto a favor, porque diariamente trabalhamos o “eu” o “nós” e conceitos como a amizade, sentimentos, a interculturalidade e as diferenças entre nós.

Entrevistadora: Poderia esclarecer-nos acerca das formas de interacção existentes para com outros profissionais?

Educadora: A nossa instituição trabalha com o apoio de outros profissionais, nomeadamente técnicos (terapeutas da fala, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais, psicólogos, educadores de ensino especial, entre outros) que se deslocam até nós para nos ajudarem e orientarem de forma a podermos dar uma resposta de maior qualidade às crianças que dela necessitam. A

frequência e o tempo disponibilizado por estes profissionais especializados dependem da gravidade diagnosticada (áreas de desenvolvimento em que revelam maiores dificuldades/atrasos) e a idade da criança (tem prioridade as que estão mais próximas de ingressar no primeiro ciclo de ensino básico) mas também quando a criança tem necessidade de apoio permanente de um adulto.

Entrevistadora: No âmbito da gestão da turma quais as estratégias inclusivas implementadas?

Educadora: De acordo com os objectivos propostos, as estratégias têm de ser adaptadas a cada caso e a criança dentro das suas possibilidades e competências é sempre levada a participar na acção que se estiver a desenvolver e o restante grupo estar sensibilizado também para aceitar, apoiar e colaborar.

Entrevistadora: Será possível desenvolver modos de conduta e uma cultura de educação que não favoreça alguns estudantes em deferimento dos outros?

Educadora: Claro que sim, aliás essa perspectiva que se deve manter de nunca “prejudicar” uma criança em deferimento de outra. Devemos respeitar o desenvolvimento de cada uma estimulando-os, proporcionando-lhes diferentes experiências variando, ajudando ao seu crescimento global. Claro que falando de crianças com NEE é um assunto mais complicado, integrando-as num grupo vai levar a que haja da nossa parte como educadoras um trabalho mais direccionado com essas crianças, mas nunca preferindo os outros. Por isso é que em jardim-de-infância se trabalha em grande e pequeno grupo além do trabalho individualizado.

Entrevistadora: Por fim, esclareça-nos, por favor de que forma trabalha a Individualização curricular e em que medida o trabalho em parceria poderá ser uma mais-valia para a concretização da mesma?

Educadora: Para cada caso é elaborado pela técnica e terapeuta especializada em conjunto com a psicologia e do conhecimento dos pais e meu um plano educativo individual onde são elaborados objectivo a curto, médio e longo prazo, estratégias, actividades e recursos baseados nos resultados de avaliação do desenvolvimento da criança efectuada no início e no final do ano lectivo e para ser trabalho em conjunto com os pais, familiares, técnicos

especializados e profissionais de educação ao serviço da instituição e da criança.

Entrevistadora: Agora, vamos supor uma situação hipotética. Por exemplo *“Uma semana intercultural veio a tornar-se um evento comum nas escolas nos nossos dias, envolvendo toda a escola. Normalmente envolvem a amostragem de alimentos, música, roupas, artefactos, fotografias, etc. que representam os diferentes meios sociais da população estudantil e dos professores.”* [in interguide] O que pensa deste tipo de actividades? Atribui a estas actividades um valor positivo ou negativo? Estarão a mostrar as diversidades dos indivíduos nas escolas? Dizem-nos coisas válidas acerca de cada indivíduo que compõe a população escolar?

Educadora: Ao nível deste tipo de actividades em semanas interculturais acho muito positivo, apesar de pensar que a interculturalidade deve ser alvo nas nossas actividades do dia-a-dia. Quanto a mim, dependendo do tipo de actividades que se desenvolveu a componente das mesmas normalmente é positiva, contudo esta temática deverá ser bem pensada como apresentada a crianças em idade de jardim-de-infância. Por vezes vejo a tendência da interculturalidade ser tratada apenas ao nível “da raça” e não nos diferentes âmbitos que esta tem. Nestes casos a interculturalidade torna-se algo muito subjectivo e tratado com leveza. No caso, e como este ano o projecto também desenvolve de certa forma a interculturalidade e como o grupo e a comunidade envolvente, a instituição e bastante rica, como se costuma dizer acabou-se por juntar o útil ao agradável. Podendo trabalhar esta temática que no nosso quotidiano está presente. Digamos que na nossa comunidade envolvente a interculturalidade é bastante vasta, e não me refiro só à raça, mas também ao nível da religião e mesmo integração de crianças “diferentes”. Somos uma instituição e uma comunidade rica em diversidade podendo utilizar uma expressão muito conhecida “somos todos diferentes mas todos iguais”.

ANEXOS VI

Observações das sessões da Terapia da Fala¹

21 de Abril de 2010

A terapia da fala tem início às 13 horas, esta realizar-se-á fora da sala, numa sala de apoio, uma vez que as crianças da sala estão no período da rotina diária que corresponde à sesta.

A Terapeuta da fala [TF] entra na sala e cumprimenta L, depois de cumprimentar a criança, convida-a a ir para outra sala, nessa sala já tem na mesa dispostos os materiais que irá utilizar. É explicado à criança, que neste dia estarei com eles, a brincar e a trabalhar.

Convida a criança a sentar-se no seu lugar habitual, posteriormente passam a um momento de interacção entre criança e adulto.

TF: onde foste ontem?

L: na carrinha

TF: Sim, onde foi o L na carrinha? – está sobre a mesa uma pequeno papel, onde está um auxiliar de hipóteses de onde a criança poderá ter ido.

L: aos cavalinhos.

TF: Sim, o L foi aos cavalinhos, com quem? – É colocado uma folha onde há o questionamento de quem terá ido.

A utilização de quadros de comunicação alternativos, para as questões “onde” e “com quem”, de acordo com a explicação da terapeuta, embora não nem sempre sejam necessários utilizar com o L, ajudam-no a conseguir compreender melhor as questões e ajudam-no a responder.

Aproveitando estas perguntas, TF vai buscar a tabela de presença, recordam dias da semana e L terá de colocar nos dias correctos os dias em que está com a TF e os dias com que está com a TO.

¹ Nota: Será de evidenciar que as sessões de terapia se desenvolvem fora da sala da criança, por motivos adversos, uma vez que o apoio sendo gratuito tem de se adaptar às horas estabelecidos, o que muitas vezes vai ao desencontro do trabalho de sala. No início e no final das sessões existia uma grande dinâmica de diálogo entre a educadora e terapeutas acerca do trabalho desenvolvido assim como aspectos que considerassem importantes evidenciar acerca da criança com Necessidades Educativas Especiais.

O quadro de presença tem os dias da semana identificados, com a mesma simbologia que está na sala, a TF explica que para cada criança utiliza um quadro de presenças diferente, com as cores e simbologia utilizada por cada educadora.

Posteriormente, a TF propõe a realização de um jogo sobre os espaços da escola, no jogo existem quatro quadros de diferentes espaços da escola: refeitório, casa de banho, sala, exterior, e terão de completar os quadros com peças do puzzle com objectos diferentes que são de cada espaço.

Como forma de propor, introduzir o jogo, a TF começa por pergunta onde o L esteve antes de ir para a sessão, são realizadas um conjunto de questões que o ajudam a lembrar que esteve no refeitório e que tinha ido almoçar; e que depois foi à casa de banho lavar os dentes.

Após este momento de interacção e de questionamento, introduz o jogo; para o realizar, a TF pede ao L. que escolha um quadro, esta fica com outro, e convida-me a participar. Será um momento oportuno para que a criança possa estabelecer uma conversa com mais do que uma pessoa.

As peças mais pequenas de cada puzzle estão viradas para baixo, cada elemento do jogo vai tirando uma peça, existe um momento de interacção onde é questionado à criança o que é, para que serve, onde deverá ser colocado.

De acordo com a TF a ordem das perguntas deve ser alterada, uma vez que a criança aprende e decora a ordem das mesmas e começa a dar resposta de cor. As questões são directas/fechadas (sim, não), ou abertas/directas/simples (quem, onde) ou pessoais (relativas, tipo coisas e alimentos onde procure relacionar e questionar coisas que goste muito (ex: iogurtes) e que deteste (ex: fruta).

Após o jogo a sessão termina, é de relevar que a terapeuta procura ao longo da sessão manter a criança atenta e motivada para participar, procurando afastar objectos distractores (como objectos brilhantes como anéis, pulseiras, relógio) e de manter a criança nas tarefas, por exemplo para a manter sentada, cantava uma música onde é descrito os passos para uma posição sentada correcta.

Para a realização do jogo fui convidada a participar, como uma forma de estimular a comunicação e a interacção com outras pessoas, promovendo na criança a competência comunicativa, interactiva, onde tem de esperar pela sua

vez para questionar/responder. Por outro lado a TF refere que há determinado tipo de trabalho que era importante que houvesse a presença de um terceiro elemento ou de outras crianças/pessoas como uma forma de levar o L. a interagir.

28 de Abril de 2010

O L. encontrava-se na sala à espera da terapeuta da fala, quando esta chega cumprimenta - o e convida-o a ir com ela, para uma sala de apoio.

Uma vez que o L. tinha tirado a bata, esta pede-lhe que a vista, uma vez que este ter algumas dificuldades em apertar os botões, porque estão na parte de traz da bata, a TF oferece-se para o fazer. Enquanto o faz diz em voz alta o que está a fazer como forma de sequencializar a tarefa e promover a interacção com a criança.

Novamente, a sessão é iniciada através do calendário, onde se estabelece um diálogo e interacção, com os objectivos de: recordar os dias da semana, utilizando as noções temporais de hoje, ontem, amanhã, depois de amanhã. Recordar actividades importantes e os dias em que a criança tem apoio com a TF e com TO.

Depois da tarefa do calendário estar cumprida, a terapeuta começa a questionar os momentos da rotina do dia para chegar à hora do almoço e levar a criança a sequencializar os momentos da hora da alimentação (primeiro lavar as mãos, almoço – sopa, conduto, fruta - depois lavar os dentes), auxiliado por imagens. No desenvolvimento desta actividade, houve sempre a preocupação de utilizar reforços positivos como forma de incentivar a criança a falar acerca deste momento e de interagir com outra pessoa.

Depois de terminar esta actividade, a terapeuta vai buscar o pc, L. pergunta: - “é a menina? [história da menina dos caracóis e os três ursinhos]”, de acordo com a terapeuta da fala sempre que vai buscar o pc, para realizar diferentes actividades (histórias, jogos) a criança associa o momento a esta história ou ao “Bob Construtor”.

A terapeuta explica que desta vez não será a menina, mas que tem uma história diferente. Apresenta em ppt a história dos três porquinhos, para além das apresentações de imagens, a história tem áudio e é legendada com os ícones do SPC.

No decorrer da história notamos que o L. encontrasse agitado e com dificuldades de se concentrar, a terapeuta refere que é pena na sala não existir uma almofada para a criança colocar debaixo “do rabinho”, porque uma das coisas que aprendeu em interacção com a terapeuta ocupacional. É que o uso

de uma almofada no acento da cadeira ajudam-nos a ter uma mobilidade mais controlada e um maior conforto ao estarem sentados por mais tempo.

Todavia, a terapeuta procura outras estratégias para contar a história, primeiro tira o som ao computador portátil (pc), e vai questionando a criança sobre as imagens como forma de contar a história. Todavia, a criança demonstra-se agitada e relutância em assistir à história no pc.

A terapeuta faz uma nova tentativa e procura contar a história pelo livro, porém ao não ter sucesso procura seguir para uma actividade diferente, uma vez que a criança foi buscar uns cartões com imagens.

Os cartões tinham imagens variadas, de lugares, objectos, acções e a terapeuta procura trabalhar as questões “quem”, “o que”, “onde estão”, “o que estão a fazer”, ao longo do questionamento procura através de reforços positivos incentivar a criança a responder.

A actividade termina com a criança a pedir a história da “menina”, terapeuta acede ao pedido, liga o pc e decide utilizar uma estratégia diferente, no lugar de colocar a história simplesmente a dar, vai parando o filme e questiona-a acerca da acção e do desenrolar da história.

4 de Maio de 10

A terapia da fala é iniciada através do calendário, através de um momento de diálogo e interacção, existem três momentos: recordar os dias da semana, utilizando as noções temporais de hoje, ontem, amanhã, depois de amanhã, assim como as actividades importantes, e os dias em que a criança tem apoio com a TF e com TO.

Pegando no acontecimento do dia anterior – dia da hipoterapia – a terapeuta tem uma proposta de actividade descobrir quais foram os meninos que não foram à sessão. Inicialmente a terapeuta perguntou criança a criança, e o L. respondeu sempre que foram todos, a terapeuta explica-lhe que sabe que dois meninos não foram ao “Faísca” [nome do cavalo] e que ficaram em casa; pega então numa folha onde está desenhado um cavalo e uma casa, assim como os meninos que fazem parte da hipoterapia.

Será relevante salientar que a imagem de cada criança apresentava a característica de cada menino por exemplo a menina sempre de totós representa a Ana, cabelos aos caracóis a Joanelinha. As perguntas para o jogo eram curtas e directas para a criança responder sim e não. Para as que foram à hipo o L. ligou-as com uma cor que escolheu – castanho cor do cavalo, que acabou por pintar – e de azul quem ficou em casa.

Depois de completar esta actividade, a terapeuta propõe nova actividade, apresente um lote de imagens de diferentes situações/acções, para trabalhar a interacção e a comunicação verbal através de perguntas e resposta onde trabalhe o onde, quem, o que.

Por último a sessão termina com um puzzle, sobre as partes da casa, novamente sou convidada a participar no jogo, porque uma das regras do jogo é aprender a esperar pela sua vez e compreender quem joga. Uma vez que este tipo de jogo tem sido desenvolvido em várias sessões, a própria criança começa a repetir as questões que são habitualmente colocadas, “o que é?”, “quem é?”

ANEXOS VII

Observações das sessões de Terapia Ocupacional

23 de Abril de 2010

A terapia da ocupacional realiza-se, à sexta-feira, das 11h às 12h, horário que corresponde ao horário da dança.

O L. estava na sala, todas as crianças estavam sentadas na mesa a fazer uma ficha sobre as diferenças, esperando pela chegada da professora de dança.

A Terapeuta ocupacional [TO] dirige-se ao L., cumprimentando-o e convidando-o a vir trabalhar com ela. Dirigem-se para outra sala, a TO ajuda-o a realizar a ficha, utilizando umas folhas brancas, apenas deixa à vista uma parte do exercício, realizando alínea por alínea, explicando-lhe e usando as folhas brancas como factor facilitador de inexistência de distrações no que esta a realizar, visto que a cada alínea, corresponde um exercício diferente acerca da temática do diferente e do igual. Ao longo das alíneas vai explicando à criança o que lhe é pedido.

Após terminarem a ficha propõe que desenhem um carro, para o mesmo apresenta à criança uma forma (em madeira) de um carro, uma folha de lixa e lápis de cor grossos. De acordo com a TO a utilização de diferentes tipos de materiais, como a folha de lixa ajuda a trabalhar as percepções e as potencialidades grafo-motoras, uma vez que ajuda-o a “perceber melhor” o que está a fazer. O mesmo acontece na fase do recorte do carrinho em que a folha sensorizada ajuda-o a obter uma maior informação do que está a fazer.

Passamos para a proposta seguinte, desta vez é proposto que brinquem com a plasticina, o objectivo desta tarefa é que a criança aprenda a sequencializar a actividade. A TO pede para ser a primeira a construir algo e verbaliza a sequência da tarefa: o que vai fazer – primeiro: amassar com o rolo, fica uma placa – segundo: escolher uma forma.

Esta actividade apresenta os seguintes objectivos: trabalhar a sequencialização da tarefa e a coordenação motora bilateral (apreensão com

as duas mãos da forma, amassar a plasticina utilizando um rolo), depois de várias tentativas a realização desta proposta desenvolve-se por tentativa e erro, sempre com reforços positivos por parte da TO, com o decorrer da tarefa o L começa a sequencializar a mesma.

No final da actividade, o L. quer continuar a brincar com plasticina mas sem utilizar nenhuma das quatro formas que a TO trouxe, ainda assim a TO incentiva-o a realizar o que deseja.

Todavia, nota-se algumas hesitações no que querará fazer. Na realidade, a TO explica que o L. ainda demonstra dificuldades no planeamento e execução do que quer fazer. Depois de várias tentativas, onde a terapeuta procura saber o que a criança deseja fazer, esta diz ter uma ideia, pede-lhe um pouco de plasticina e faz um caracol, e enquanto o faz, explica-lhe como está a fazer. Depois de terminar o seu caracol, a terapeuta pergunta à criança o que gostaria de fazer com a plasticina, este diz que quer fazer um caracol, e incentiva-o a fazer e a trabalhar com as duas mãos.

De acordo com a terapeuta o L. demonstra alguma capacidade de imitação, mas apresenta dificuldades/limitações na execução dessa imitação, o que poderá ser evidente nas brincadeiras e interacções que possa a vir a ter com os amigos, na sala.

Por fim, temos como última actividade a execução de um puzzle, será relevante salientar que as actividades propostas não são impostas, em cima da mesa existe um conjunto de actividades onde há possibilidade de escolha por parte da criança do que quer fazer.

Na execução dos puzzles a terapeuta procura trabalhar a percepção visual e o encaixe, todavia o trabalho de encaixe acaba por influenciar o decorrer na proposta, porque, segundo a terapeuta, no tipo de trabalho no qual há encaixes, a criança desliga-se dos pormenores, e vai muito por tentativa e erro, tal como se pode verificar na execução dos três puzzles, sobre os animais, mas com níveis de dificuldades diferenciados, onde a criança começou por executar do mais fácil para o mais difícil.

Ao longo da execução dos puzzles, havia sempre um grande ratio de interacção entre a criança e a terapeuta, esta acabava por lançar algumas questões, como o trabalho de quantidade, o que estava a fazer, quais eram os

animais. Por outro lado, será de salientar a existência de um vasto conjunto de reforços positivos e de incentivos que a terapeuta oferecia à criança.

30 de Abril de 2010

A terapia ocupacional terá novamente lugar numa sala de apoio, uma vez que o resto do grupo irá ter dança.

A terapeuta traz como proposta realizar um jogo com os pinos, propõe que a criança reconstrua as imagens que ela vai fazendo, uma flor, uma figura geométrica, uma casa, um carro, utilizando as cores verde, amarelo e vermelho. No início actividade começa por pedir à criança para dizer o nome das cores, L. identifica e reconhece as cores correctamente, mas ultimamente, desconhecendo-se o motivo pelo qual o faz, recusa-se a dizer a palavra vermelho. Ao longo da actividade a terapeuta procura trabalhar com a criança a noção de quantidade (levando a criança a utilizar apenas o mesmo número de pinos que usou em cada cor que utiliza para construir a figura), assim como a percepção visual e a motricidade fina.

Através de tentativa e erro começa a construir a flor, embora não ficasse exactamente igual que a terapeuta criou esta através de reforços positivos vai incentivando a criança a construir a sua flor.

No final da actividade pede à criança que arrume o jogo e os pinos dentro da caixa, deixando no tabuleiro a última peça que construiu para mostrarem à TF, a criança demora algum tempo para compreender e realizar a tarefa, a terapeuta incentivando e elogiando positivamente o trabalho dele, procura que este arrume o jogo correctamente de acordo com as indicações desta.

Passam para uma nova actividade, desta vez realizam um jogo de tabuleiro, onde a criança tem de colocar umas imagens em esponja na sombra correspondente. Começam o jogo por a criança identificar cada forma em esponja e a sombra correspondente.

Depois de completar o tabuleiro e identificar correctamente cada forma, a TO propõem por num caso as formas em esponja e pelo acto a criança terá de descobrir o que é, se acertar a peça era colocada no tabuleiro se não acertasse a peça ia para outro saco.

O jogo foi se realizando por tentativa e erro, sempre que a criança acertava a terapeuta elogiava e através de reforços positivos e incentivos procurava incentivar a criança a continuar a jogar.

Quando apenas faltava acertar na viola, TO modifica um pouco as regras do jogo, retira duas peças do tabuleiro e pede à criança que pelo tacto descubra a viola.

No final do jogo a criança pede o “Ruca”, TO acede ao pedido, mas diz-lhe que não vão fazer o jogo que costumam fazer, desta vez ela tem um jogo do “Ruca” diferente.

TO apresenta dois labirintos do “Ruca”, propondo ao L. que ajudem o “amiguinho” a resolver o problema. Uma vez que esse trabalho exige alguma coordenação motora e uma boa percepção visual, a TO opta por colocar as imagens na parede e de pé o L. terá de realizar o jogo dos labirintos. Novamente, a tarefa é realizada por tentativa e erro, sempre com reforços positivos que incentivavam a criança a continuar a procurar o trajecto de procurar a meia do “Ruca” ou a lata de tinta vermelha para o “Ruca” terminar o quadro.

7 de Junho de 2010

A última sessão de observação da terapia ocupacional, não demorou pouco mais de vinte minutos, porque a criança quando chegou ao jardim-de-infância, já passava da hora da terapia, e como a seguir existe outra criança, a ter terapia ocupacional, a sessão foi bastante pequena.

Novamente, podemos notar que existe uma grande interacção e estimulação da comunicação verbal por parte das terapeutas com a criança, por outro lado denotamos a existência de bastantes reforços positivos, como um incentivo à criança a realizar a tarefa.

A terapeuta apresenta ao L. uma folha onde está desenhado a forma de um menino. O L. diz que é o “Ruca”, a terapeuta diz que poderá ser essa personagem, mas que tem de acabar de a construir. Começa por lhe pedir que desenhe a cara, sendo que para cada parte diferente que a criança desenha pede que use cores diferentes, por exemplo quando desenhou os olhos foram a azul, o nariz e as orelhas da chamada “cor da pele”, e que numa revista procurasse uma folha que gostasse muito para serem a camisola e outra folha seria as calças. Estava quase pronto o desenho quando a terapeuta pergunta o que faltava, e o L. diz o cabelo, a terapeuta apresenta diferentes materiais que poderão ser o cabelo e o L. acabou por escolher a lã que cortou e colou como sendo o cabelo.

É de evidenciar que ao longo da construção do “Ruca” do L, a TO procurou que a criança utilizasse a comunicação verbal como forma de pedir as coisas que precisa, ajudando-a a pedir, questionando o que precisava.

ANEXOS VIII

Sessões de observação na sala com a Educadora

19 de Maio de 2010

Quando chegamos à sala as crianças foram vestir as batas, pouco depois dirigiram-se para a manta, deram todas as mãos, a pedido da educadora e sentaram-se em roda.

Começaram por cantar os bons dias, algumas crianças pediram para falar e contar as suas novidades de casa. Depois do momento das novidades, a educadora propõe que marquem as presenças, pergunta o dia da semana, aproveitando para marcar no calendário o dia da semana.

É planificado o que irão fazer durante a manhã, a educadora propõe ler uma história e as crianças dizem onde gostariam de ir brincar/trabalhar, ficando decidido que antes do almoço reunir-se-ão e irão falar acerca do que aprenderam/fizeram durante a manhã.

Depois das presenças marcadas, a educadora convida as crianças para contar uma história. Primeiramente, pede a todos que se levantem, dão as mãos e a educadora opta pela estratégia de pedir a alguns meninos para trocarem com outros, como forma de estes ficarem mais sossegados, evitando as conversas e brincadeiras paralelas que pudessem ser factor de distração.

A educadora mostra o livro, o L. diz é o “Elmer”, outra criança do grupo diz que o pai já lhe contou a história e aproveitando o momento a educadora questiona-os se conhecem a história e se gostaram. O L. demonstra saber quem é o “Elmer”, dizendo é “o elefante”.

É cantada uma música, como um ritual próprio para introduzir e preparar o momento da hora do conto.

Denota-se que a educadora, conhecendo a história de antemão, coloca o livro para que as crianças visualizem a narrativa, algumas crianças interrompem dizendo coisas oportunas acerca da história, levando a educadora a fazer novas questões.

Sem querer fazer juízos de valor, é observável que a educadora deixa que sejam as crianças a conduzir e a deixarem fluir a história.

A educadora, vendo L. distraído tenta o trazer para a história (utiliza a estratégia da almofada debaixo do “rabo”, descrita já pela terapeuta da fala), interagindo e comunicando com ele, mostra-lhe, então o livro e pergunta-lhe como era “Elmer”, “elefante” responde L.. A educadora questiona quais as cores, apontando para o livro a criança diz algumas cores.

O decorrer da história é vivido com intensidade por parte das crianças, alguns dos colegas distraídos são convidados pelos amigos a virem ouvir a história.

No final da história, a educadora cria uma analogia entre o “dia do Elmer” e o dia do aniversário de cada menino, uma das crianças do grupo faz alusão ao quadro de aniversários. Outras crianças conversam sobre a história, surgindo a discussão de um problema “Elmer pregava partidas?”, a educadora lança a discussão para o grupo, muitas crianças apresentam soluções para o que o elefante fazia.

Chegam à conclusão de que Elmer pregava partidas que faziam rir os amigos, C. (uma das crianças da sala) diz “sou amiga da L. (educadora) da T. (auxiliar) e de todos os meus colegas.”

A educadora reforça este comportamento positivo, incentivando a que todos sejam amigos, e que devem sempre brincar sempre juntos.

O entusiasmo à volta do “Elmer”, leva a que surja pelo grupo a ideia de construírem um “Elmer” gigante, fica decidido pelo grupo que será a T. a desenhar “porque desenha muito bem”, depois como iriam cobrir o Elmer, leva a um novo momento de discussão, “pintar ou recortar?”, é criado um momento de votação e depois de analisarem se queriam pintar ou recortar, fica decidido pela última opção.

Terminado este momento em volta da história, surge um momento em que as crianças vão para as áreas, algumas pedem para desenharem um Elmer, outras dividem-se pelas áreas.

A educadora fica pela área de plástica orientando as crianças que vão fazer o desenho, e as outras crianças dividem-se pelas áreas. L. acaba por ir brincar para a garagem, com alguns colegas. Denota-se que a criança opta por brincar “ao lado de”, pouco interagindo com os colegas.

Antes do almoço, o grupo volta a reunir-se e cada um diz o que fez, L. é chamado a participar nesse momento através de perguntas directas conta que ouviu a história e que brincou nos carrinhos.

30 de Junho 2010

Quando chegamos à sala e as crianças sentaram-se na manta do acolhimento, começaram por marcar as presenças e o dia da semana no calendário. Enquanto marcavam a presença, outras crianças iam entrando. Depois do grupo estar completo, a educadora convida as crianças a cantar os bons dias.

Como é rotina planificam o que irão fazer durante a manhã, a educadora propõe fazer um jogo e as crianças dizem onde gostariam de ir brincar/trabalhar, ficando decidido que no final da manhã reunir-se-ão e irão falar acerca do que aprenderam.

Posteriormente, a educadora chama as crianças à atenção para um quadro que se encontrava na parede virado ao contrário, a educadora vira o quadro e questiona as sobre o que seria. Explica-lhes que vão tentar descobrir as diferenças e aquilo que existe de igual no grupo, como já haviam feito com os objectos.

Primeiramente, começam por rever o registo que fizeram sobre os objectos diferentes que há na sala. Depois questiona as crianças, se são todos iguais ou se há diferenças entre eles. Estes debatem diferentes ideias, começam por fazer as distinção através do género, todavia outras começam a falar das diferenças de cor, referenciando que o T. e a Y. têm uma cor de pele mais escura, falam também dos cabelos, que são diferentes.

Ao lado do quadro, a educadora coloca um espelho, inicia a actividade, primeiramente explica-lhes que naquele quadro, alternadamente menino/menina vão preenchendo a tabela com as suas característica, para isso entrega-lhes três fotografias.

O quadro está dividido meninos de um lado e meninas do outro, com uma fita amarela no meio, de lado o quadro está dividido em três partes: o cabelo (subdivido em quatro partes: com fios verdadeiros de cabelo loiro, castanho claro e o preto), os olhos (com imagens reais onde estão representadas as cores azuis, castanho e preto), as mãos como o símbolo representativo da cor da pele clara e escura.

Alternadamente, cada criança vai preenchendo as suas características, visualizam-se ao espelho e as outras crianças vão ajudando-a dizendo as suas características.

A educadora deixa as crianças dialogarem entre si e se ajudarem, contudo também intervêm de forma a ajudar, dando dicas/pistas, às crianças que têm dificuldades no preenchimento da tabela.

Quando chegou à vez do L. a educadora entregou as fotos à criança, questionou-lhe como era o cabelo dele, qual era a cor. O L. dirige-se ao espelho, diante do espelho a educadora volta a questioná-lo qual a cor. Apontou para a cor, e a educadora insiste para que diga a cor. O L. diz que é preto, como forma de o incentivar, a educadora elogia-o e pede para colocar a foto no quadro correspondente, depois pergunta-lhe qual é a cor dos seus olhos. O L. vai ver no espelho, fica hesitante entre o preto e o castanho, a docente acaba por o ajudar a escolher a cor.

Finalmente, é questionado acerca da cor da pele, rapidamente coloca a fotografia no quadro correspondente à cor da pele clara, para fazer este desafio olhou para a sua mão e a fotografia da mão que representava a pele clara.

No final do preenchimento da tabela, as crianças são questionadas de quantas têm uma pele clara e quem têm uma pele escura, as crianças começam a dizer que existe mais de pele clara, porque só havia dois meninos de pele escura.

São questionadas sobre as cores de cabelo, qual a cor que existe mais e a que existe em pouca quantidade, qual a cor de olhos predominante, a educadora aproveita o momento para trabalhar conceitos matemáticos com a diferença, a seriação, a leitura de gráficos, a par do trabalho acerca das diferenças existente entre as pessoas, embora todas tenham aspectos comuns.

15 de Julho de 2010

Quando chegamos as crianças dirigiram-se para a manta, deram as mãos, a pedido da educadora, e sentaram-se em roda.

Começaram por cantar os bons dias, a educadora propõe que marquem as presenças, pergunta o dia da semana, aproveitando para marcar no calendário o dia da semana.

Como é rotina planificam, a educadora propõe ler uma história e as crianças dizem onde gostariam de ir brincar/trabalhar, ficando decidido que no final da manhã reunir-se-ão.

A educadora pede a uma das crianças que relembre o quadro onde foram assinaladas as características de cada menino, esta explica que têm diferentes tipos de cabelos, que apenas o T. e a Y. têm pele escura, outras realçam que existem três tipos de cores de olhos. Uma chama-nos á atenção que há dois meninos que tem cabelo loiro claro, mas que uma tem olhos claros e a outra não.

A educadora mostra-lhes um livro “As cores do arco-íris” e propõe contar a história. Esta história utilizando a metáfora do arco-íris mostra que as diferenças entre as pessoas, cada pessoa é diferente e especial.

Ao longo da história algumas crianças começam a intervir, algumas referenciam o melhor amigo delas, muitas vezes referenciando as diferenças nos aspectos físicos visíveis, como por exemplo disse C. “Eu gosto muito da M. eu tenho cabelo grande e sem caracóis, o da M. tem caracóis e nos brincamos juntas na casinha”.

No final da história uma das crianças propõe criarem o “arco-íris” dos meninos da sala, outra diz que cada uma desenha o seu melhor amigo.

Como forma de garantir que nenhuma criança ficava por desenhá-lo, a educadora vai buscar uma caneta, e escreve quem é que cada criança escolhe desenhá-lo, quando chega a vez do L. uma vez que a criança ainda não reconhece o conceito de melhor amigo, a educadora pede que lhe aponte na tabela de presenças o menino ou menina que gosta muito de brincar.

De acordo com a referência da educadora, o L. embora ainda apresente algumas dificuldades ao nível da socialização, demonstra gostar de brincar ao lado de determinadas crianças, interagindo algumas vezes com elas, uma delas é o T. a criança que o L. escolheu.

Será de referenciar que o T. também tem NEE², usufruindo de apoio ao nível da terapia da fala e ocupacional, porque apresenta um atraso de desenvolvimento, nomeadamente ao nível linguístico.

² NEE: Necessidades Educativas Especiais

Planificação das actividades

Actividades	Objectivos áreas de conteúdo	Objectivos projecto curricular “Eu Sinto”	Recursos Materiais	Estratégia
<p>“Elmer”</p> <p>“As cores do arco-iris”</p>	<p>FPS³: Ter uma imagem ajustada e positiva de si mesmo;</p> <p>Exp. Dramática: Desenvolver a imaginação e organização de ideias; expressar emoções/sentimentos;</p> <p>Exp. Plástica: Realizar criações artísticas pessoais, utilizando técnicas e materiais diferentes;</p> <p>Colaborar com os colegas na elaboração de trabalhos plásticos colectivos;</p> <p>LOAE⁴: Adquirir um vocabulário adequado para expressar-se autónoma e correctamente;</p> <p>Utilizar a linguagem oral para descrever e evocar objectos distintos, acontecimentos e situações;</p>	<p>Desenvolver competências sociais de relacionamento;</p> <p>Ajudar a criança a aceitar e valorizar as diferenças;</p> <p>Fomentar a auto-estima positiva na criança;</p> <p>Desenvolver o reconhecimento da linguagem oral como instrumento de comunicação e transmissão de sentimentos e emoções;</p> <p>Potenciar a diferenciação emocional</p>	<p>Livros</p>	<p>Grande grupo</p>
<p>“Quadro das diferenças”</p>	<p>FPS: desenvolver a cooperação entre o grupo</p>		<p>Quadro</p> <p>Fotos</p>	<p>Grande Grupo</p> <p>Preenchimento</p>

³ FPS: Formação Pessoal e Social

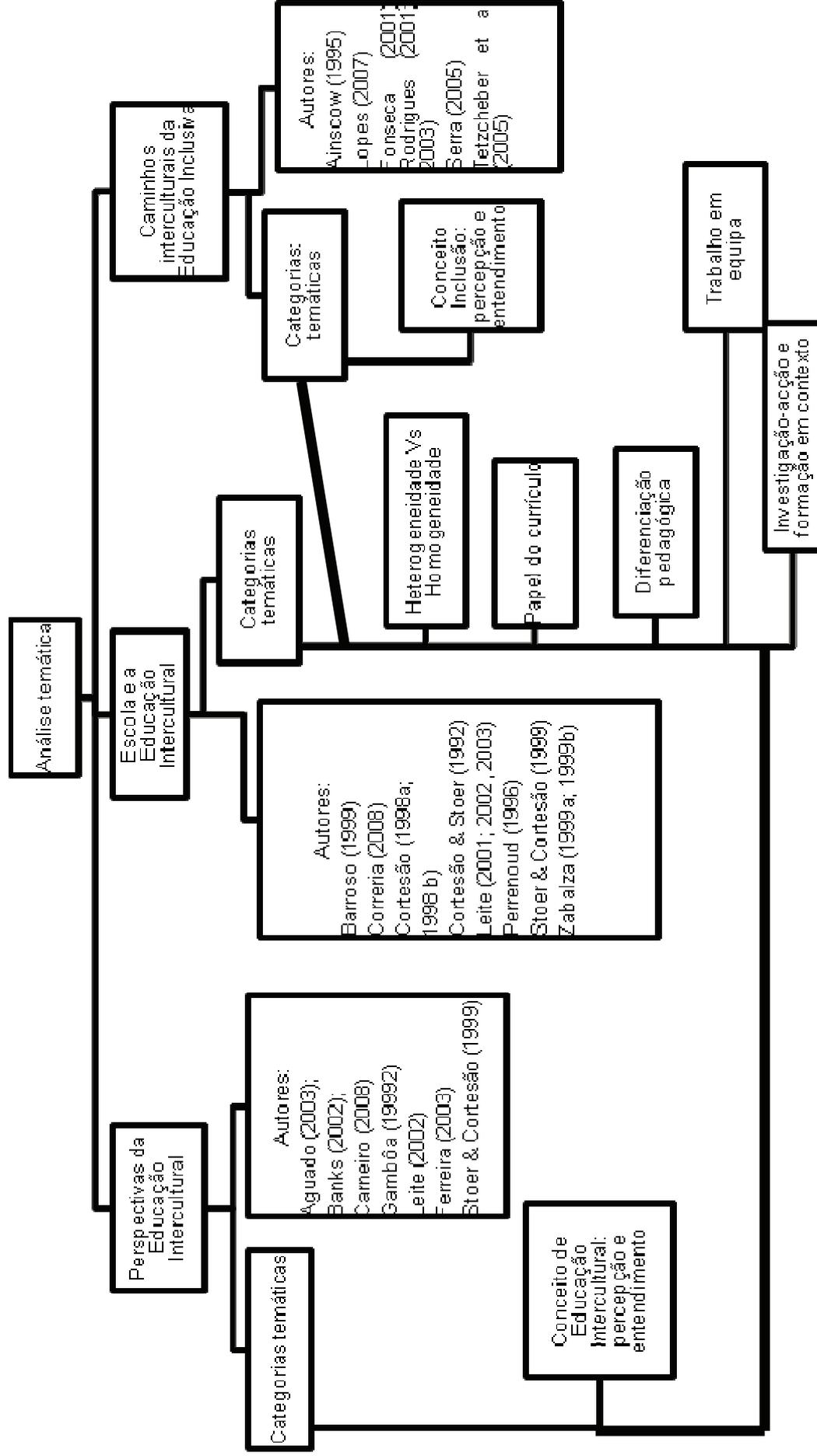
⁴ LOAE Linguagem Oral e abordagem à escrita

	<p>Matemática: Adquirir um vocabulário adequado para expressar-se autónoma e correctamente; Utilizar a linguagem oral para descrever e evocar objectos distintos, acontecimentos e situações; Identificar e distinguir conceitos de diferente/igual</p> <p>C.M.⁵: Identificar a imagem corporal global; Desenvolver as capacidades de observação, de atenção, e de memória; Identificar secções corporais distintas;</p>		Espelho	da tabela: menino/menina
--	---	--	---------	--------------------------

⁵ CM: Conhecimento do Mundo

ANEXOS IX

Análise Temática



ANEXOS X

Grelha de análise

Análise temática	Autores	Categorias temáticas	Cod.	Exemplos:
Perspectivas da Educação Intercultural	Aguado(2003); Banks(2002); Carneiro(2008); Ferreira(2003); Gambôa (s/d); Leite (2002); Stoer & Cortesão (1999);	Conceito de Educação Intercultural: sua percepção e entendimento	E.I- P.E.	“Interculturalismo e multiculturalismo no âmbito da educação de infância são dois conceitos tão abstractos e ao mesmo tempo interligados como a própria espécie humana. (...)a interculturalidade é também uma grande oportunidade para fomentarmos a concepção de que todos pertencemos a uma mesma espécie, para tomar consciência de que nós, seres humanos, não somos todos iguais e que a diversidade não nos impede de vivermos todos juntos em harmonia, (...)” (entrevista à Educadora)
Escola e a Educação Intercultural	Barroso(1999); Correia(2008); Cortesão (1998 a; 1998b); Cortesão & Stoer (s/d); Leite (2001; 2002; 2005); Miranda(2004); Perrenoud(1996); Stoer & Cortesão (1999);	Heterogeneidade versus homogeneidade	HET. VS H.	“(...)creio que a nível dos aspectos da homogeneidade poderão ter haver com a comunidade envolvente, religião, local de morada (mesmo bairro, praticamente) O grupo é diverso na dinâmica familiar, nas características de cada criança, já que no grupo a multiculturalidade está presente: há filhos de pais emigrantes, crianças de

	Zabalza(1999a; 1999b)			diferentes raças, crianças com NEE.” (entrevista à Educadora)
		Papel do currículo	P.C.	“Teoricamente, deveria ser assim, adaptar o currículo a cada criança, perante as suas necessidades e características (...). Eu na minha prática diária tento apresentar as actividades utilizando estratégias que se adequem a cada criança, (...)” (entrevista à educadora)
		Diferenciação pedagógica	D.F.	
		Investigação – acção e formação em contexto	I.A. & F.C	“O trabalho em equipa permite que possa insistir mais na intervenção mais específica nas áreas de comunicação, linguagem e outras áreas que são apenas trabalhadas pela TF. Além disso, são passadas estratégias entre as técnicas da equipa para promover um óptimo desenvolvimento da criança.(...)” (entrevista à Terapeuta da Fala)
		Trabalho em parceria	T.P.	
Caminhos interculturais da Educação Inclusiva	Ainscow(1995); Fonseca(2001); Lopes(s/d); Rodrigues (2001;2003); Serra(2005); Tetzchner,et all (2005)		I.:P-E.	“Inclusão, como a própria origem da palavra diz, é incluir, integrar, reformular estratégias e atitudes no sentido de adequar a nossa intervenção melhorando e favorecendo o desenvolvimento da criança “diferente”, contornando barreiras e /ou adaptando os recursos disponíveis quer a nível físico, humano e técnico. (...)” (entrevista à Educadora)

ANEXOS XI

Codificação da entrevista à Terapeuta da fala

Excertos da entrevista	Cod.	Nota
<p>“O trabalho em equipa permite que possa insistir mais na intervenção mais específica nas áreas de comunicação, linguagem e outras áreas que são apenas trabalhadas pela TF. Além disso, são passadas estratégias entre as técnicas da equipa para promover um óptimo desenvolvimento da criança. No caso da TF é necessário trabalhar por vezes a atenção/concentração e por vezes existem estratégias específicas da área da terapêutica ocupacional, por exemplo, podem ser muito úteis nesse sentido e facilitar o trabalho posterior da terapia da fala.”</p>	T.P. I.A & F. C	Referencia à existência de uma equipa transdisciplinar, onde existe uma troca de experiências e de informações, nomeadamente acerca do trabalho desenvolvido com esta criança.
<p>“A inclusão das crianças é a principal razão de ser deste trabalho que se desenvolve na equipa de intervenção precoce de apoio directo nos contextos naturais da criança. Só a presença nestes espaços permite que o trabalho se centre em tornar a criança no funcionamento nos espaços que frequenta, sendo autónoma, estando integrada e feliz. É necessário não raramente adaptar o meio e tornar os adultos e pares com que a criança convive competentes para comunicar com a criança. A intervenção com as crianças com NEE é muito mais do que</p>	I.P.E. T.P.	A Terapeuta da fala demonstra ter conhecimento no âmbito da inclusão das crianças NEE, inter-relacionando esta percepção e entendimento com a importância de existir um trabalho interdisciplinar.

<p>desenvolver as suas competências mas passa também por trabalhar com os locais e pessoas. Daí a importância do trabalho em parceria com as educadoras e também com outros funcionários do jardim, já que este é um local onde a criança passa grande parte do dia e são instruídas várias rotinas.”</p>		
<p>“Relativamente aos conceitos de interculturalismo e multiculturalismo, no meu trabalho com o L., estes não estão directamente relacionados, ao contrário do que acontece com outros meninos, como por exemplo quando trabalho com ciganos, devo ter um conhecimento prévio da sua cultura e embora em algumas terapêuticas use como instrumentos de trabalho o espelho, com estas crianças tal não é permitido usar devido a regras culturais, ou em alguns locais não posso tratar a criança por “tu”, mas sim por “você”, devido a regras culturais.”</p>	<p>E.I. P.E</p>	<p>No que concerne à percepção e entendimento da Educação Intercultural, relaciona este conceito numa base educacional em que é necessário haver uma preocupação por parte do técnico por atender às questões culturais diversas, adaptando-se a estas, como podemos ver nos exemplos referenciados pela terapeuta. Todavia, não inter-relaciona-os com o trabalho desenvolvido com o L, porque têm a “mesma cultura”.</p>
<p>“(…)cada programa traçado é diferente não só nos objectivos como nas estratégias, mesmo que a idade e a patologia da criança sejam as mesmas. O programa é traçado com o conhecimento da educadora e ao longo do tempo são lhe passadas algumas estratégias para ajudar a criança ao longo do dia e da sua rotina a interagir com os outros. (...) Ao nível das práticas, no início do ano, em conjunto com a terapeuta ocupacional,</p>	<p>P.C. D.P. T.P.</p>	<p>É referenciado a importância de existir um currículo específico, onde as actividades são assentes numa diferenciação pedagógica. É realçado ainda a importância do trabalho em equipa.</p>

<p>com a educadora da sala, a família, a psicologia e a assistente social, realizamos o PEI onde delineamos os objectivos e competências a trabalhar/alcançar por parte do L. As estratégias utilizadas, são transmitidas à educadora, para que permitam o desenvolvimento destas competências de forma positiva e gradual.”</p>		
--	--	--

ANEXOS XII

Codificação da entrevista à Terapeuta ocupacional

Excertos da entrevista	Cod	Nota
“(…) Na minha opinião a educação inclusiva e a interculturalidade são aspectos fundamentais na formação das crianças, alicerçando responsabilidades cívicas, humanas e morais. No entanto, parece-me que a comunidade escolar ainda não detém os meios necessários para uma prática baseada nestes conceitos. Principalmente no que concerne à inclusão de crianças com NEE, os recursos físicos, mas sobretudo humanos (técnicos com conhecimento específico) parecem-me muito aquém do necessário.”	E. I: P.E. I.: P. E.	A terapeuta ocupacional percebe e entende estes conceitos como fundamentais, todavia considera que a comunidade escolar tem um longo percurso para andar neste âmbito, ao nível de aspectos estruturais e conjunturais.
“Os objectivos de intervenção são delineados por cada técnico, mas discutidos numa equipa multidisciplinar. O PEI é apresentado e discutido com pais e educadora da criança e está sempre sujeito a alterações se todos acharem pertinentes. A educadora, com o conhecimento do PEI, pode e deve dar continuidade a estes objectivos no dia-a-dia. A intervenção é maioritariamente feita	P.C & D.P T.P.	Neste excerto podemos ver que é dada relevância à individualização curricular e à diferenciação pedagógica, aliada ao desenvolvimento de um trabalho em equipa multidisciplinar.

<p>em contexto de jardim para que haja troca de informações e partilhas de estratégias. Ao longo do ano são feitas reuniões para discussão das evoluções. As sessões são dadas em contexto individual mas também de grupo, para trabalhar a inserção neste, bem como participar em actividades mais alargadas ao exterior (sempre que possível) como por exemplo passeios, visitas, etc. (...) É fomentada uma articulação de serviços da equipa de intervenção precoce/ jardim-de-infância/ comunidade médica (centro de saúde, hospital, etc), através de reuniões, contactos telefónicos, contacto directo no dia-a-dia (durante a intervenção dos técnicos).”</p>		
---	--	--

ANEXOS XIII

Codificação da entrevista à Educadora

Primeira entrevista		
Excertos da entrevista	Cod	Nota
<p>“Inclusão, como a própria origem da palavra diz, é incluir, integrar, reformular estratégias e atitudes no sentido de adequar a nossa intervenção melhorando e favorecendo o desenvolvimento da criança “diferente”, contornando barreiras e /ou adaptando os recursos disponíveis quer a nível físico, humano e técnico. (...) A educação inclusiva implica acima de tudo atitudes multidisciplinares e um trabalho de equipa que envolvam técnicos de diferentes áreas com disponibilidade e empenho para definir estratégias, objectivos e adaptar os recursos existentes a cada caso. (...) A nossa instituição trabalha com o apoio de outros profissionais, nomeadamente técnicos (terapeutas da fala, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais, psicólogos, educadores de ensino especial, entre outros) que se deslocam até nós para nos ajudarem e orientarem de forma a podermos dar uma resposta de maior qualidade às crianças que dela necessitam. A frequência e o tempo disponibilizado por estes profissionais especializados dependem da gravidade diagnosticada (áreas de desenvolvimento</p>	I.:P.E	<p>A educadora procurou definir o conceito de inclusão.</p> <p>Será relevante referenciar que associa este conceito à necessidade de existir um trabalho em equipa.</p>
	D.P.	
	T.P	

<p>em que revelam maiores dificuldades/atrasos) e a idade da criança (tem prioridade as que estão mais próximas de ingressar no primeiro ciclo de ensino básico) mas também quando a criança tem necessidade de apoio permanente de um adulto.”</p>		
<p>“Interculturalismo e multiculturalismo no âmbito da educação de infância são dois conceitos tão abstractos e ao mesmo tempo interligados como a própria espécie humana. Em primeiro lugar, é um aspecto específico da socialização directamente relacionado com valores e atitudes que se transmitem sempre em situações reais que se estabelecem nas interações que as pessoas estabelecem com os seus semelhantes no meio em que vivem. Por isso, o jardim de infância, onde quer que se pratique a educação de infância, é um lugar adequado para introduzir nas nossas crianças na riqueza trazida pela diversidade. É importante tentar criar um ambiente tolerante que nos conduzam a aceitar e a respeitar progressivamente as diferenças, tendo em conta, que a interculturalidade é também uma grande oportunidade para fomentarmos a concepção de que todos pertencemos a uma mesma espécie, para tomar consciência de que nós, seres humanos, não somos todos iguais e que a diversidade não nos impede de vivermos todos juntos em harmonia, desde que haja uma abertura mental e a sensibilidade necessária para intervir</p>	<p>E.I.: P.E.</p>	<p>A educadora, ao definir a educação intercultural, demonstra compreender que deve fazer parte da educação de todos os sujeitos, como uma forma de existir uma abertura para a riqueza trazida pela diversidade.</p>

<p>adequadamente nos conflitos que os seus grupos possam experimentar ao contactarem com culturas diferentes.”</p>		
<p>“A comunidade escolar como entidade formadora tem o dever não só de assumir, como de, adaptar, promover e dialogar projectos, propostas e estratégias de acção adaptadas a cada caso e a cada realidade no sentido de melhorar o desempenho dos profissionais de educação, pois, deles depende uma maior qualidade na promoção do desenvolvimento e relação com estas crianças. (...) Divulgar e solicitar parcerias com várias entidades e serviços exteriores disponíveis na comunidade, por exemplo através de acções de sensibilização dadas por técnicos de forma a criar algum impacto que leve à participação e colaboração de várias entidades e seus colaboradores em projectos cujo objectivo fosse a promoção de inclusão escolar e a interculturalidade, facilitando uma melhor e adequada inserção na sociedade.”</p>	<p>I.P.E I.A. & F.C T.P.</p>	<p>Referência a importância de haver uma abertura para a inclusão nas escolas, ao passo que as instituições deverão apostar na formação contínua para um melhor desempenho dos profissionais da educação.</p>
<p>“Os objectivos do projecto curricular de turma são definidos de acordo com as áreas de conteúdos das orientações curriculares e as aprendizagens esperadas, tendo em conta as características do grupo e do meio envolvente – comunidade – e dos hábitos das crianças. Esta caracterização deve assentar na análise de informação factuais de cada criança (nível sócio-</p>	<p>P.C & D.P HET. VS H.</p>	<p>Neste excerto podemos evidenciar que a educadora percebe a existência de haver flexibilidade curricular, assente no desenvolvimento de uma diferenciação pedagógica tendo em consideração o grupo, isto é, as características e necessidades de cada</p>

<p>económico, cultural, etário, frequência anterior, expectativas de pais e alunos em relação à experiência anterior, expectativas dos pais e alunos em relação à instituição, dificuldades e problemas percebidos, recursos próximos, etc). Na sequência dos vários momentos de avaliação, pode haver necessidade de fazer alterações e reformulações que devem ser acrescentadas, ou integradas no documento. (...) O trabalho desenvolvido no âmbito da inclusão e da interculturalidade baseia-se essencialmente na adaptação de objectivos, estratégias e actividades de acordo com cada caso e sob orientação de técnicos especializados que se deslocam periodicamente à nossa instituição e da sensibilização de todo o pessoal aqui ao serviço independentemente da sua categoria profissional de cada um. (...) De acordo com o nível de exigência de cada actividade e os objectivos inerentes, o grupo é dividido por grupos de trabalhos (3 ou 4 anos), mistos (meninos e meninas) e com diferentes graus de desenvolvimento e concentração. Para que as propostas tenham resultados mais equilibrados e enriquecedores, dando oportunidade sempre que possível a que todos possam participar (...). De acordo com os objectivos propostos, as estratégias tem de ser adaptadas a cada caso e a criança dentro das suas</p>		<p>criança.</p> <p>Por outro lado, torna-se evidente a aposta na realização de um trabalho cooperativo entre as crianças, criando grupos heterogéneos, isto é misturando crianças com diferentes capacidades/habilidades na concretização de trabalhos/tarefas.</p>
--	--	---

<p>possibilidades e competências é sempre levada a participar na acção que se estiver a desenvolver e o restante grupo estar sensibilizado também para aceitar, apoiar e colaborar.”</p>		
<p>“Para cada caso é elaborado pela técnica e terapeuta especializada em conjunto com a psicologia e do conhecimento dos pais e meu um plano educativo individual onde são elaborados objectivo a curto, médio e longo prazo, estratégias, actividades e recursos baseados nos resultados de avaliação do desenvolvimento da criança efectuada no início e no final do ano lectivo e para ser trabalho em conjunto com os pais, familiares, técnicos especializados e profissionais de educação ao serviço da instituição e da criança.”</p>	T.P.	<p>Novamente é salientado a necessidade de existir um trabalho em parceria e transdisciplinar.</p>
<p>“Teoricamente, deveria ser assim, adaptar o currículo a cada criança, perante as suas necessidades e características já que todas as crianças/pessoas são diferentes e desenvolvem/aprendem de maneira diferente. Eu na minha prática diária tento apresentar as actividades utilizando estratégias que se adequem a cada criança, já que como educadora da sala conheço cada criança e a melhor maneira para estimular a criança como ser único. Mas adequar o currículo a cada criança e as suas características pessoais torna-se cada vez mais fácil através das ferramentas que se vão desenvolvendo para os educadores de infância, como os</p>	D. P. & P.C.	<p>Novamente é referenciado pela educadora a importância de se assumir uma posição que valorize a diferenciação pedagógica, aliada à construção de um currículo contra-hegemónico.</p>

<p>planos de desenvolvimento individual e os portfolios.”</p>		
<p>“(…)creio que a nível dos aspectos da homogeneidade poderão ter haver com a comunidade envolvente, religião, local de morada (mesmo bairro, praticamente) O grupo é diverso na dinâmica familiar, nas características de cada criança, já que no grupo a multiculturalidade está presente: há filhos de pais emigrantes, crianças de diferentes raças, crianças com NEE. O L. que tem autismo e o T. que estão a pesquisar qual será a problemática subjacente, mas que já usufrui de terapia da fala, uma das áreas que se denotava grandes dificuldades, tanto a nível de compreensão como a nível de expressão. Definitivamente que o facto de na sala haver meninos e meninas e a variedade de idades neste grupo torna-se uma mais-valia. Os meninos mais velhos ajudam os mais pequenos em tarefas, em aquisições e nas próprias brincadeiras nas áreas, assim como resolverem “problemas” e conflitos entre eles. O resultado da variedade de idade tem sido bastante positivo este tipo de trabalho com grupos homogéneos, a inter-ajuda, a interacção de diferentes crianças em diferentes “fases” da vida, porque há diferenças entre os três e os quatro anos, características e aquisições diferentes. Contudo, acho que o grupo se relaciona ou divide segundo as suas características, o grupo relaciona-se efectivamente e socialmente de forma</p>	<p>HET. VS H.</p>	<p>A educadora evidencia dar uma relevância às diferenças entre as crianças como uma mais-valia na aprendizagem e crescimento destas. Por outro lado, é relevante o facto de haver diferenças culturais dentro do grupo ou raciais, assim como diferentes idades e géneros, como uma mais-valia na interacção e aprendizagem de todas as crianças.</p>

<p>aleatória e de acordo com os próprios interesses.”</p>		
<p>“Ao nível deste tipo de actividades em semanas interculturais acho muito positivo, apesar de pensar que a interculturalidade deve ser alvo nas nossas actividades do dia-a-dia. Quanto a mim, dependendo do tipo de actividades que se desenvolveu a componente das mesmas normalmente é positiva, contudo esta temática deverá ser bem pensada como apresentada a crianças em idade de jardim-de-infância. Por vezes vejo a tendência da interculturalidade ser tratada apenas ao nível “da raça” e não nos diferentes âmbitos que esta tem. Nestes casos a interculturalidade torna-se algo muito subjectivo e tratado com leveza. No caso, e como este ano o projecto também desenvolve de certa forma a interculturalidade e como o grupo e a comunidade envolvente, a instituição e bastante rica, como se costuma dizer acabou-se por juntar o útil ao agradável. Podendo trabalhar esta temática que no nosso quotidiano está presente. Digamos que na nossa comunidade envolvente a interculturalidade é bastante vasta, e não me refiro só à raça, mas também ao nível da religião e mesmo integração de crianças “diferentes”. Somos uma instituição e uma comunidade rica em diversidade podendo utilizar uma expressão muito conhecida “somos todos diferentes mas todos iguais”.</p>	<p>E.I: P. E.</p>	<p>No que concerne à percepção e entendimento da Educação Intercultural, a educadora aponta a presença deste tipo de actividades como uma forma de sensibilização à interculturalidade, contudo este deve ser um trabalho assumido diariamente como parte central da educação.</p>

ANEXOS XIV

Codificação das observações: sessões com a Educadora

Primeira observação		
Excertos das observações	Cod	Nota
<p>“É planificado o que irão fazer durante a manhã, a educadora propõe ler uma história e as crianças dizem onde gostariam de ir brincar/trabalhar, ficando decidido que antes do almoço reunir-se-ão e irão falar acerca do que aprenderam durante a manhã. (...) Denota-se que a educadora, conhecendo a história de antemão, coloca o livro para que as crianças visualizem a narrativa, algumas crianças interrompem dizendo coisas oportunas acerca da história, levando a educadora a fazer novos questionamento. (...) é observável que a educadora deixa que sejam as crianças a conduzir e a deixarem fluir a história.”</p>	P.C & D.P.	<p>A planificação da educadora é acompanhada da planificação diária com as crianças, para que tenham oportunidade de trabalhar naquilo que se sentem motivadas para fazer.</p> <p>De notamos que a Educadora apoia as motivações das crianças e as suas interacções, ao mesmo tempo que as desafia colocando-as em diferentes situações de aprendizagem, levando-as não só a questionar e a resolver diferentes problemas/desafios, mas também a interagir com os outros.</p>
<p>“A educadora, vendo L. distraído tenta o trazer para a história (utiliza a estratégia da almofada debaixo do “rabo”, descrita já pela terapeuta da fala), interagindo e comunicando com ele, mostra-lhe, então o livro e pergunta-lhe como era “Elmer”, “elefante” responde L.. A educadora questiona quais as cores, apontando para</p>	T. P	<p>Temos aqui presente um exemplo do trabalho transdisciplinar, a educadora utiliza uma técnica da terapeuta ocupacional.</p>

o livro a criança diz algumas cores.”		
Segunda Observação		
<p>“(…) questiona as crianças, se são todos iguais ou se há diferenças entre eles. Estes debatem diferentes ideias, começam por fazer as distinção através do género, todavia outras começam a falar das diferenças de cor, referenciando que o T. e a Y. têm uma cor de pele mais escura, falam também dos cabelos, que são diferentes.</p> <p>Alternadamente, cada criança vai preenchendo as suas características, visualizam-se ao espelho e as outras crianças vão ajudando-a dizendo as suas características. (...)”</p>	HET. VS H. E.I. P.E.	<p>Nesta observação, podemos denotar que com esta actividade a educadora procurou trabalhar com as crianças a heterogeneidade presente na sala.</p> <p>É evidente a preocupação em desenvolver uma Educação Intercultural na sala, na medida em procura ajudar as crianças a aceitar e a valorizar as diferenças, ao mesmo tempo que desenvolvem competências sociais de relacionamento.</p>
<p>“Quando chegou à vez do L. a educadora entregou as fotos à criança, questionou-lhe como era o cabelo dele, qual era a cor. O L. dirige-se ao espelho, diante do espelho a educadora volta a questioná-lo qual a cor. Apontou para a cor, e a educadora insiste para que diga a cor. O L. diz que é preto, como forma de o incentivar, a educadora elogia-o e pede para colocar a foto no quadro correspondente, depois pergunta-lhe qual é a cor dos seus olhos. O L. vai ver no espelho, fica hesitante entre o preto e o castanho, a docente acaba por o ajudar a escolher a cor. Finalmente, é questionado acerca da cor da pele, rapidamente coloca a fotografia no quadro correspondente à cor da pele clara, para</p>	I.P.E.	<p>Nas actividades dirigidas, a educadora tem a preocupação de integrar o L. ajudando-o a concretizar a actividade e adaptando esta às competências da criança.</p>

<p>fazer este desafio olhou para a sua mão e a fotografia da mão que representava a pele clara.”</p>		
<p>Terceira observações</p>		
<p>“A educadora pede a uma das crianças que relembre o quadro onde foram assinaladas as características de cada menino, a criança explica que têm diferentes tipos de cabelos, que apenas o T. e a Y. têm pele escura, outras realçam que existem três tipos de cores de olhos. Uma chama-nos a atenção que há dois meninos que tem cabelo loiro claro, mas que uma tem olhos claros e a outra não. A educadora mostra-lhes um livro “As cores do arco-íris” e propõe contar a história. Esta história utilizando a metáfora do arco-íris mostra que as diferenças entre as pessoas, cada pessoa é diferente e especial.”</p>	<p>E.I.P.E.</p>	<p>É evidente a preocupação em desenvolver uma Educação Intercultural na sala, na medida em procura ajudar as crianças a aceitar e a valorizar as diferenças, ao mesmo tempo que desenvolvem competências sociais de relacionamento, por outro lado, a educadora com este tipo de trabalho evidencia trabalhar no âmbito da inclusão.</p>

ANEXOS XV

Codificação das observações: sessões com a Terapeuta da fala

Primeira observação		
Excertos das observações	Cod	Nota
“O quadro de presença tem os dias da semana identificados, com a mesma simbologia que está na sala, a TF explica que para cada criança utiliza um quadro de presenças diferente, com as cores e simbologia utilizada por cada educadora.”	T.P.	Aqui é evidente o trabalho em parceria, uma vez que a simbologia em ambos os quadros é igual.
“Para a realização do jogo fui convidada a participar, como uma forma de estimular a comunicação e a interacção com outras pessoas, promovendo na criança a competência comunicativa, interactiva, onde tem de esperar pela sua vez para questionar/responder, sendo que a TF refere que há determinado tipo de trabalho que era importante que houvesse a presença de um terceiro elemento ou de outras crianças/pessoas como uma forma de levar o L. a interagir.”	I.P.E	O trabalho da terapeuta da fala, tem como um dos objectivos principais que o L. adquira um meio de comunicação que lhe permita comunicar e interagir com o mundo. Por outro lado, podemos referenciar a forma como a terapeuta percebe e entende a inclusão pelo facto de nos chamar a atenção para a necessidade de que as terapias decorressem num horário onde fosse possível ver a criança com NEE a interagir.
Segunda observação		
“(…)Depois da tarefa do calendário estar cumprida, a terapeuta começa a questionar os momentos da rotina do dia	P.C. & D.P.	Existe a preocupação por parte da terapeuta por diversificar os dispositivos

<p>para chegar à hora do almoço e levar a criança a sequenciar os momentos da hora da alimentação (...). Depois de terminar esta actividade, a terapeuta vai buscar o pc, L. pergunta “é a menina? [história da menina dos caracóis e os três ursinhos]”, de acordo com a terapeuta da fala sempre que vai buscar o pc, para realizar diferentes actividades (histórias, jogos) a criança associa o momento a esta história ou ao “Bob Construtor”. A terapeuta explica que desta vez não será a menina mas que tem uma história diferente. Apresenta em ppt a história dos três porquinhos, para além das apresentações de imagens, a história tem áudio e é legendada com os ícones do SPC. (...)</p> <p>No decorrer da história notamos que o L. encontrasse agitado e com dificuldades de se concentrar, a terapeuta refere que é pena na sala não existir uma almofada para a criança colocar debaixo “do rabinho”, porque uma das coisas que aprendeu em interacção com a terapeuta ocupacional. É que o uso de uma almofada no acento da cadeira ajudamos a ter uma mobilidade mais controlada e um maior conforto ao estarem sentados por mais tempo.</p> <p>Todavia, a terapeuta procura outras estratégias para contar a história, primeiro tira o som ao pc, e questionando a criança partindo das imagens procura contar a história, a criança demonstra-se agitada e relutância em assistir à história</p>	<p>T.P.</p>	<p>pedagógicos à sua disposição.</p> <p>Encontramos em evidência o trabalho em parceria, através de trocas de estratégias.</p>
---	-------------	--

<p>no pc. A terapeuta faz uma nova tentativa e procura contar a historia pelo livro, todavia ao não ter sucesso procura seguir para uma actividade diferente, uma vez que a criança foi buscar uns cartões com imagens. Os cartões tem imagens variadas, de lugares, objectos, acções e a terapeuta procura trabalhar as questões “quem”, “o que”, “onde estão”, “o que estão a fazer”, ao longo do questionamento procura através de reforços positivos incentivar a criança a responder.</p> <p>A actividade termina com a criança a pedir a história da “menina”, terapeuta acede ao pedido, liga o pc e decide utilizar uma estratégia diferente, no lugar de colocar a historia simplesmente a dar, vai parando o filme e questionando acerca da acção e do desenrolar da história.”</p>		
<p>“Pegando no acontecimento do dia anterior – dia da hipoterapia – a terapeuta tem uma proposta de actividade descobrir quais foram os meninos que não foram à sessão. (...)”</p>	<p>T.P.</p>	<p>Novamente, encontramos em evidência o trabalho em parceria, através do decorrer de actividades numas sessões para a realização de outras sessões</p>

ANEXOS XVI

Codificação das observações: sessões com a Terapeuta Ocupacional

Primeira observação		
Excertos das observações	Cod	Nota
<p>“TO dirige-se ao L., cumprimentando-o e convidando-o a vir trabalhar com ela. Dirigem-se para outra sala, a TO ajuda-o a realizar a ficha, utilizando as folhas brancas, apenas deixa à vista uma parte do exercício, realizando alínea por alínea, explicando-lhe e usando as folhas brancas como factor facilitador de inexistência de distrações no que esta a realizar, visto que a cada alínea, corresponde um exercício diferente acerca da temática do diferente e do igual. Ao longo das alíneas vai explicando à criança o que lhe é pedido.”</p>	<p>T. P. P.C. & D. P.</p>	<p>Uma vez que a criança se encontrava a realizar um trabalho com a educadora, a Terapeuta decide dar continuidade ao mesmo. Visto que, a criança não estava a realizar correctamente o trabalho pedido, a terapeuta utiliza outro tipo de estratégias que o ajudem a realizar o trabalho, de forma a obter um resultado positivo.</p>
<p>“Chegada ao fim da actividade, o L. quer continuar a brincar com plasticina mas sem utilizar nenhuma das quatro formas que a TO trouxe, ainda assim a TO incentiva-o a realizar o que deseja. Todavia, nota-se algumas hesitações no que querará fazer. Na realizada, a TO explica que o L. ainda demonstra dificuldades no planeamento e execução do que quer fazer. Depois de várias tentativas, onde a terapeuta procura saber o que a criança deseja fazer, esta diz ter uma ideia, pede-lhe um pouco de</p>	<p>P.C. & D. P.</p>	<p>De acordo com aquilo que podemos observar, denotamos que existe uma preocupação por adaptar o currículo as necessidades e limitações da criança, trabalhando com ela por forma a obter resultados positivos. Por outro lado, é dado à criança a oportunidade de escolher o que quer fazer, ajudando-a e estimulando-a a fazer o que</p>

<p>cartolina e faz um caracol, e enquanto o faz, explica-lhe como está a fazer. Depois de terminar o seu caracol, a terapeuta pergunta à criança o que gostaria de fazer com a plasticina, este diz que quer fazer um caracol, e incentiva-o a fazer e a trabalhar com as duas mãos. De acordo com a terapeuta o L. demonstra alguma capacidade de imitação, mas apresenta dificuldades/limitações na execução dessa imitação, o que poderá ser evidente nas brincadeiras e interacções que possa a vir a ter com os amigos, na sala.”</p>		<p>deseja.</p>
<p>Segunda Observação</p>		
<p>“No final da actividade pede à criança que arrume o jogo e os pinos dentro da caixa, deixando no tabuleiro a última peça que construiu para mostrarem à TF, a criança demora algum tempo para compreender e realizar a tarefa, a terapeuta incentivando e elogiando positivamente o trabalho dele, procura que este arrume o jogo correctamente de acordo com as indicações desta.”</p>	<p>T.P.</p>	<p>Novamente, notamos aqui a importância dada ao trabalho em equipa, sendo que esse trabalho também é utilizado como um intensivo para ajudar a criança a concretizar as tarefas.</p>
<p>“(…) O jogo foi se realizando por tentativa e erro, sempre que a criança acertava a terapeuta elogiava e através de reforços positivos e incentivos procurava incentivar a criança a continuar a jogar. Quando apenas faltava acertar na viola, TO modifica um pouco as regras do jogo, retira duas peças do tabuleiro e pede à criança que pelo tacto descubra a viola. No final do jogo a criança pede o “Ruca”, TO acede ao pedido, mas diz-lhe que não</p>	<p>PC & D.P</p>	<p>Ao longo das sessões é evidente a importância dada ao reforço positivo e à diferenciação pedagógica, na medida em que as actividades são pensadas para a criança e aquilo que a criança deseja fazer também é algo tido em conta.</p>

vão fazer o jogo que costumam fazer, desta vez ela tem um jogo do “Ruca” diferente.”		
Terceira Observação		
“(…) É de evidenciar que ao longo da construção do “Ruca” do L, a TO procurou que a criança utilizasse a comunicação verbal como forma de pedir as coisas que precisa, ajudando-a a pedir, questionando o que precisava.”	I.P.E.	No que concerne à percepção e entendimento que a TO tem da inclusão, denotamos que a TO percebe a necessidade de ser incentivada a comunicar e a verbalizar, para poder interagir com os colegas.